



## O DISCURSO DA SUBALTERNIDADE COMO UM MECANISMO METODOLÓGICO NO ENSINO DE LITERATURA

Elizangela Teixeira Longuinho Antiquera<sup>1</sup>

Heloísa Helena Ribeiro de Miranda<sup>2</sup>

**RESUMO:** Sempre há alguém que não consegue se encaixar em rótulos e se permite ultrapassar os limites dos discursos ideológicos. Entre esses sujeitos, encontra-se o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que conseguiu transpor tais enunciados e refletiu abertamente sobre as mazelas da população latino-americana. Nessa perspectiva, o que se propõe aqui é tentar identificar como o estudo do discurso literário pode se compor como uma metodologia no ensino de literatura, no intuito de refletir com o educando como é possível romper com o discurso da subalternidade que se configura no texto literário. Para tanto, partiu-se da análise formal e de conteúdo do ensaio jornalístico “Ciento veinte millones de niños en el centro de la tormenta”, retirado da obra *Las venas abiertas de América Latina* (1971). Nessa vertente, o ensino de literatura, por meio do discurso literário, compõe-se como um aliado no rompimento de paradigmas e no surgimento de novas epistemes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. Discurso Literário. Subalternidade.

## THE DISCOURSE OF SUBALTERNITY AS A METHODOLOGICAL MECHANISM IN THE TEACHING OF LITERATURE

**ABSTRACT:** There is always someone who can not fit into labels and allows himself to go beyond the limits of ideological discourse. Among these subjects, we find the Uruguayan writer Eduardo Galeano, who managed to transpose such statements and openly reflected on the ills of the Latin American population. In this perspective, what we propose here is to try to identify how the study of literary discourse can be composed as a methodology in literature

---

<sup>1</sup> Especialista Especialização em Didática e Metodologia nas séries iniciais pela Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil. Professora da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais Aplicadas do Araguaia. Email: liza.tla@hotmail.com

<sup>2</sup> Mestre Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso. Professora de Língua Portuguesa e Espanhola no Instituto Federal de Educação Tecnológica – IFMT. Email: heloisahelena@hotmail.com



teaching, in order to reflect with the learner how it is possible to break with the discourse of subalternity that is configured in the literary text. To do so, we start with the formal analysis and content of the journalistic essay "One hundred and twenty million children in the center of the storm", taken from *The Open Veins of Latin America* (1971). In this area, literature teaching, through literary discourse, is composed as an ally in the breaking of paradigms and the emergence of new epistemes.

**KEYWORDS:** Teaching. Literary Discourse. Subalternity.

## INTRODUÇÃO

Como compreender o que seja a Literatura? Primeiramente, podemos afirmar que a Literatura é uma linguagem que possibilita ao homem estabelecer uma relação entre ele e o mundo; ou ainda, podemos afirmar que ela é um meio de manifestação artística, visto que se utiliza de uma forma singular de trabalho com a língua, ou, ainda, compreendê-la como um modo de representação do real, uma vez que mantém um liame com o contexto por ela representado. Embora sejam possíveis todas essas perspectivas e, ainda, sabendo que não nos faltariam teóricos que nos auxiliassem na abordagem de cada uma delas, a vivência que temos com a Literatura faz-nos percebê-la como sendo um meio de sensibilização do espírito humano.

Desse modo, tomando a Literatura como um dispositivo motivador da sensibilidade humana, a palavra desenhada pelo discurso literário não pode ser considerada apenas a materialidade lexical do pensamento do escritor, porém deve ser compreendida como a condensação da substância do espírito transformada em palavra-sensível. A sensibilidade, nela contida, oportuniza ao homem o (re) encontro com sua própria sensibilidade. Nessa perspectiva, um tanto próxima da psicanálise, a Literatura se torna a essência que demonstra a manifestação, inconsciente e mágica da alma, liberta o espírito humano, uma vez que borra a linha limítrofe entre o real e o imaginário e possibilita a resolução de conflitos internos, ocasionando, assim, a descoberta ou redescoberta do eu.

Entretanto, cabe-nos aqui uma pergunta: como a Literatura consegue diluir a divisão existente entre o real e o imaginário e, ao mesmo tempo, tocar a espiritualidade humana? Para entendermos esse questionamento, partimos do pensamento do estudioso francês Michel Foucault. Com sua percepção sensível, Foucault (1999) compreende a Literatura como uma



invenção da modernidade, surgida no fim do século XVIII, início do XIX, a qual já teria nascido morta. Na realidade, não é da morte física, do fim de sua produção, que o teórico trata, mas, sim, da consciência que a Literatura toma de si mesma, partindo do pressuposto de que nela não há mais um sujeito identificável, mas um ser da linguagem, como nos explica Tatiane Levy “[...] o ser da linguagem é pura exterioridade. Distanciando-se da certeza daquele que fala, a literatura volta-se sobre si mesma, colocando em evidência seu próprio ser” (2011, p. 58). Tal consciência teria se manifestado, efetivamente, com Mallarmé, em seu *Un coup de dés* (1897). O modo como o poeta francês trabalha a linguagem e passa a considerar a página em branco como signo, leva-o a compreender que a obra é um espaço autônomo, cuja identificação é a linguagem. Nessa concepção, desconsidera toda produção anterior, por defender que, antes, o que era considerado literário estava ligado à forma de construção retórica dos textos.

Para essa acepção geoliterária, Foucault (1999) estabelece a distinção entre três pontos que, indissociáveis, constituem o espaço literário: a linguagem, a obra e a literatura. Primeiro, apresenta a linguagem como sendo um acúmulo de palavras na história e no próprio sistema da língua, as quais comportariam toda a memória discursiva da humanidade. Em segundo, a obra, que seria um espaço autônomo de manifestação da linguagem, sendo constituída por uma opacidade, gerada pelos efeitos estéticos criados por ela e que, atualmente, não representa a realidade, mas fecha-se em si mesma. E, por último, a literatura, que não seria a universalização de encontro de obras, mas o ponto de intersecção da relação entre a linguagem e a obra, e desta com a linguagem.

A literatura não é o fato de uma linguagem transformar-se em obra, nem o fato de uma obra ser fabricada como linguagem a literatura é um terceiro diferente da linguagem e da obra, exterior à linha reta entre a obra e a linguagem, que, por isso, desenha um espaço vazio. (FOUCAULT, 1999, p 145)

O espaço vazio ao qual se refere o autor estaria relacionado ao universo da representação construído pela Literatura, o qual compõe, agora, o eu literário, que surge deslocado. Desse modo, o teórico crê na diluição das relações entre linguagem, obra e literatura. O espaço exterior à linha reta corresponde à realidade literária que permite ao espírito humano desfazer a linha divisória entre o real e o imaginário. Com a diluição dessa linha, o homem, como sujeito, tem a oportunidade de experienciar a realidade literária, a qual



estimula sua sensibilidade e possibilita-lhe o (re) encontro consigo mesmo e com seus semelhantes e, logo, uma percepção mais aguçada de seu contexto.

## 1. O ENSINO DE LITERATURA E O DISCURSO DA SUBALTERNIDADE

Como espaço autônomo, a obra literária pode conter os mais variados discursos, compondo-se como uma ferramenta importante para o ensino. Entre esses discursos, infelizmente, encontramos aqueles que consideram os países, os quais foram colonizados, impossibilitados de falar, de modo consistente, sobre seu desenvolvimento econômico, político e cultural. De certo modo, tais discursos continuam arraigados em nossos imaginários, nos quais, a maioria de nós, não consegue se ver de outro modo que não seja em uma posição inferiorizante, em concatenação a outras culturas. Nessa vertente, o ensino de literatura, por meio do discurso literário, compõe-se como um aliado na transformação de paradigmas e no surgimento de novas epistemes.

Felizmente, sempre há alguém que não consegue se encaixar em rótulos e se permite ultrapassar as barreiras dos discursos ideológicos de poder. Entre esses sujeitos, encontramos o escritor uruguaio Eduardo Galeano, que conseguiu transpor tais ideologias e refletiu abertamente sobre as mazelas da população latino-americana. Nessa perspectiva, o que propomos aqui é tentar identificar como o estudo do discurso construído pela linguagem literária pode se compor como uma metodologia no ensino de literatura, no intuito de refletir com o educando sobre a desconstrução da perspectiva da subalternidade fixada pela fala ideologizante. Para tanto, partimos da análise formal e de conteúdo do ensaio jornalístico “Ciento veinte millones de niños em el centro de la tormenta”, retirado da obra *Las venas abiertas de América Latina* (1971).

Para refletirmos com nossos alunos sobre o que venha a ser a subalternidade, partimos dos estudos desenvolvidos pelo argentino Walter D. Mignolo (2003) que a compreende como sendo uma ideia que surge à margem do colonialismo como uma resposta à necessidade de repensar e reconceitualizar as histórias narradas e a conceitualização apresentada para dividir o mundo entre regiões e povos cristãos e pagãos, civilizados e bárbaros, modernos e pré-modernos e desenvolvidos e subdesenvolvidos, todos eles projetos globais, mapeando a diferença colonial. Para o pensador, essa diferença está associada à gnosiologia liminar que nada mais “[...] é que uma reflexão crítica sobre a produção do conhecimento, a partir tanto



das margens internas do sistema colonial/moderno, quanto das margens externas.” (2003, p. 33). Tal perspectiva passa a considerar outros pensares, além dos coloniais, compreendendo que, estando as margens externas envolvidas em projetos locais, possuem autoridade legítima de enunciar sobre suas realidades.

*Hemos guardado un silencio bastante parecido a la estupidez*

É importante levar o educando a compreender que o enunciado construído por Galeano, no início de seu texto, ilustra muito bem a perspectiva de Mignolo. O sujeito latino-americano, subestimado pelo discurso ideológico colonial, silencia-se diante da opressão dos saberes imperiais. *La estupidez*, mencionada pelo autor, nada mais é que o não reconhecimento de seus saberes. Ao intelectual latino sempre foi-lhe imposto que suas reflexões são apenas reproduções de discursos imperiais. E esta é a crítica realizada pelo teórico: os saberes locais guardados necessitam transpôs as fronteiras da rigidez epistêmica e territorial estabelecida e controlada pelo saber colonial.

La lluvia que irriga a los centros del poder imperialista ahogalos vastos subúrbios del sistema. Del mismo modo, y simétricamente, El bienestar de nuestras clases dominantes - dominantes hacia dentro, dominadas desde fuera - es La maldición de nuestras multitudes condenadas a una vida de bestias de carga. (GALEANO, 1971, p. 6)

É necessário fazer com que o aluno perceba que a metáfora da chuva demonstra a fluidez do poder imperialista que afoga os saberes do subúrbio. O afogamento desses saberes supervaloriza o conhecimento imperial *hacia* dentro, como explica-nos Mignolo. Assim, a anulação dos saberes desde *fuera* poderia ser o que nos condena à subalternidade. Poderíamos considerar que talvez a subalternidade do sujeito colonizado estivesse condicionada à anulação de seu conhecimento. Anular seu saber implica anular-se como sujeito; quanto à maldição à qual estamos condenados, como “burros de carga” poderíamos pensar nesse legado que nos foi deixado e que permite aos soberanos, identificar-nos como subalternos.

## 2. COMO PODE O SUBALTERNO FALAR?

Nessa mesma linha de raciocínio, encontramos a literata indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010) afirmando que o próprio intelectual pode ser um cúmplice na soberania dos saberes do Outro imperialista. Spivak (2010) esclarece-nos que, para haver o reconhecimento



dos saberes subalternos, é necessário que se valorize a experiência do oprimido, enfatizando que o sujeito colonizado não é visto como uma consciência representativa de uma coletividade. Para defender seu argumento, a estudiosa refere-se ao pensamento marxista, não como um defensor dos oprimidos, mas como um representante do saber imperialista, trazendo uma citação na qual Marx faz referência à representatividade dos camponeses.

[...] não podem representar a si mesmo; devem ser representados. Seu representante deve se mostrar simultaneamente como seu mestre, como uma autoridade sobre eles, e como o poder governamental irrestrito que os protege das outras classes e lhes envia a chuva e o sol dos céus. A influência política [no lugar do interesse de classe, já que não há sujeito de classe unificado] dos pequenos proprietários camponeses encontra, então, sua última expressão que subordina a sociedade a si mesma. (MARX apud SPIVAK, 2010, p. 36)

Karl Marx reafirma a soberania colonial e enfatiza a subalternidade do colonizado. Desse modo, o subalterno/camponês precisa de alguém que ocupe a posição de representante de sua classe, como se ele mesmo não fosse capaz de representar-se. Não bastando, esse representante “[...] se deve mostrar simultaneamente como seu mestre”, ou seja, o subalterno deve seguir a mesma linha de pensamento do colonizador, além de demonstrar, sobre seus pares, sua soberania.

Hay sesenta millones de campesinos cuya fortuna asciende a veinticinco centavos de dólar por día; em El otro extremo los proxenetas de La desdicha se dan lujos de acumular veinticinco millones de dólares en sus cuentas privadas de Suiza o Estados Unidos. (GALEANO, 1971, p. 7)

Em seu ensaio, Galeano não trata diretamente de saberes, mas, sim, de ações que só podem ser instituídas por sujeitos detentores de saber. Entretanto, torna-se válida a reflexão com nossos alunos do que vem a ser esse saber, ou de que modo ele é construído e legitimado.

Para refletirmos um pouco sobre esses questionamentos remetemo-nos às reflexões do estudioso francês Michel Foucault (2012) o qual argumenta que o saber não é algo exclusivo da ciência; e muito menos está não ligado somente às ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, documentos científicos, filosóficos ou literários. Segundo ele, o saber é independente da ciência, mas está localizado nos mais ínfimos meios e mecanismos sociais, deixando claro que toda ciência, como discurso, localiza-se no campo do saber. Foucault (2012) defende também a tese de que os saberes são constructos discursivos articulados sistematicamente por um conjunto de proposições ideológicas. Dessa maneira, as



proposições correspondem ao que se busca realizar por meio desses saberes. Se pensarmos na dicotomia soberano/subalterno, os saberes soberanos são apenas discursos ossificados de verdades preestabelecidas que estão sendo questionadas por subalternos produtores de discursos.

Há, em primeiro lugar, um trabalho negativo a ser realizado: libertar-se de todo um jogo de noções que diversificam cada uma à sua maneira, o tema da continuidade. Elas, sem dúvida, não têm uma estrutura conceitual bastante rigorosa; mas sua função é precisa. Assim é a noção de tradição: ela visa a dar uma importância temporal singular a um conjunto de fenômenos, ao mesmo tempo sucessivo e idêntico (ou, pelo menos análogo); permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem; graças a ela, as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos. (FOUCAULT, 2012, p. 25)

Em uma leitura desatenta, diríamos que o *que* é relatado por Foucault nesse trecho está muito distante da relação entre soberano e subalterno. Mas se analisarmos detalhadamente a fala do teórico, como pensador soberano, poderemos perceber que ele dá legitimidade a outros discursos, por meio da tradição. Dessa maneira, a tradição dita a veracidade do discurso e, conseqüentemente, dos saberes. Se ela tem por objetivo atribuir importância temporal singular a um conjunto de fenômenos; se permite repensar a dispersão da história na forma desse conjunto; se autoriza reduzir a diferença característica de qualquer começo, para retroceder, sem interrupção, na atribuição indefinida da origem, isso significa que os saberes disseminados pelos discursos subalternos são tão legítimos quanto os saberes soberanos, uma vez que são formulados, partindo da tradição de uma coletividade.

Para Galeano, como coletividade, a América Latina sempre esteve a trabalho não do seu próprio desenvolvimento, mas em virtude do desenvolvimento do Outro.

Todo: La tierra, sus frutos y sus profundidades ricas en minerales, los hombres y su capacidad de trabajo y de consumo, los recursos naturales y los recursos humanos. El modo de producción y La estructura de clases de cada lugar han sido sucesivamente determinados, desde fuera, por su incorporación al engranaje universal del capitalismo. (Galeano, 1971, p. 8)

Entre os recursos, o escritor uruguaio não desconsidera o material humano e o conhecimento que foi por ele produzido. Galeano retrata muito bem a luta do colonizado em busca de uma identidade. “Ahora América, es para el mundo, nada más que los Estados



Unidos: nosotros habitamos, a lo sumo, una sub-américa, una América de segunda clase, de nebulosa identificación. (GALEANO, 1971, p. 9). Na verdade, por meio da escritura de Galeano, nosso aluno pode refletir acerca de sua própria identidade; não há como desvencilhar nossa latinidade, todo o dialogismo indenitário que há entre os povos da América Latina.

### 3. O IMPÉRIO DA COLONIALIDADE DO PODER

Walter Mignolo, baseando-se em Quijano, diz-nos que a soberania nasce da colonialidade do poder capitalista, e sua consolidação se dá na Europa, entre os séculos XV e XVIII. Para Quijano, a colonialidade do poder, metaforizada pelo eurocentrismo, implica em uma prática social de subordinação realizada pelos países colonizadores, em relação aos colonizados. Sua formação, de acordo com o autor, ocorre, a partir de quatro movimentos. O primeiro está relacionado à classificação da população do planeta quanto a sua produção cultural; o segundo está ligado à estrutura funcional institucional para articular e administrar tais classificações; o terceiro se refere à definição de espaços adequados para uma boa administração e, por último, uma nova mirada epistêmica para articular o sentido e o perfil da nova matriz de poder a qual é responsável pela canalização da nova produção de conhecimento.

Quanto ao conceito de colonialidade do poder, formulado por Quijano, há um termo relevante a ser considerado: o “poder”. Não podemos afirmar que o diálogo seja forçado, mas nos remetemos, mais uma vez, ao pensamento foucaultiano, que nos explica o poder da seguinte maneira:

Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente. (FOUCAULT, 2005, p. 11)

Ao considerarmos o posicionamento de Quijano e sua interlocução com o pensamento do historiador francês, quanto ao conceito de poder, como uma prática social multiforme, nosso aluno pode compreender que a colonialidade do poder, além de ser uma prática social de imposição sempre dicotômica, é também uma prática discursiva e ideológica. Desse modo, se considerarmos que os saberes científicos são materializações discursivas da prática da



tradição, como bem nos explica Foucault e considerarmos que a colonialidade do poder, além de ser uma prática social, é uma tradição discursiva. A desconstrução do imaginário da subalternidade só seria possível, se ocorresse uma unidade discursiva em cujo local de onde o discurso tivesse surgido não houvesse sobreposições de valores.

Incorporadas desde siempre a La constelación del poder imperialista, nuestras clases dominantes no tienen el menor interes en averiguar si el patriotismo podría resultar más rentable que La traición o si La mendicidad es la única forma posible de la política internacional. Se hipoteca La soberanía porque «no hay outro camino»; las coartadas de La oligarquia confunden interesadamente La impotencia de una clase social com el presunto vatio de destino de cada nación. (GALEANO, 1971, p. 7)

Aqui, faz-se necessário que o educando compreenda que Galeano enfatiza a condição subalterna de nossos representantes, ironizando sua mendicidade, ao dizer que eles preferem hipotecar nossa soberania, em virtude de políticas econômicas internacionais, condenando, assim, nossos saberes e tradições ao status de subalternos, e, pior, utilizando-os como barganha, em nome do desenvolvimento e do progresso do outro. Esse desenvolvimento dos países europeus só foi possível, na perspectiva de Mignolo, em virtude da colonialidade, ou seja, a Europa se desenvolveu à custa do trabalho escravo e da exploração das colônias. Assim, a relação de subalternidade se inicia com a distinção de raças e com a distribuição dos postos de trabalho no período colonial.

Na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. A posterior constituição da Europa como nova id-entidade depois da América e a expansão do colonialismo europeu ao resto do mundo conduziram à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da idéia de raça como naturalização dessas relações coloniais de dominação entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas idéias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados. Por outro lado, no processo de constituição histórica da América, todas as formas de controle e de exploração do trabalho e de controle da produção-apropriação-distribuição de produtos foram articuladas em torno da relação capital-salário (de agora em diante capital) e do mercado mundial. Incluíram-se a escravidão, a servidão, a pequena produção mercantil, a reciprocidade e o salário. (MIGNOLO, 2003, p. 299)

Ao se debruçar na história da América Latina e compreender como se desenvolvem os mecanismos de dominação, Galeano consegue perceber todos esses pormenores na realidade latino-americana. Dessa maneira, entende que a nossa condição de subalternidade,



construída historicamente, foi legitimada não apenas pela prática das relações de superioridade/inferioridade de etnias e culturas, mas, também, pelo discurso propagado pelas comunidades ditas soberanas.

[...] quienes niegan la liberación de América Latina, niegan también nuestro único renacimiento posible, y de paso absuelven a las estructuras en vigencia. Los jóvenes se multiplican, se levantan, escuchan: ¿quién ofrece la voz del sistema? (GALEANO, 1971, p. 9)

Ao fim da análise, compreendemos que, ao negar nossos saberes, negamos a nós mesmos. Libertar-se desse status de subalternos significa transpor as estruturas vigentes e oportunizar a possibilidade de formular novas epistemes e de escrever a história da América Latina. Nessa perspectiva, a literatura se compõe como uma aliada. já que é o próprio saber materializado em discurso literário, como nos explica Mignolo.

Os desafios à pesquisa linguística e a literária representados pelos processos linguísticos transnacionais e transimperiais são epistemológica e pedagogicamente difíceis, pois influenciam a própria concepção de humanidades. Tais desafios modificam a crença comum de que os estudos linguísticos e literários tratam somente de textos e autores literários de formação canônica. [...] Nos últimos dez anos, vem ocorrendo um intercâmbio substancial entre os teóricos da literatura, críticos e cientistas sociais, especialmente nos campos da antropologia e da história. Os estudos transnacionais, transimperiais, transcoloniais e culturais poderiam servir como um novo espaço inter-e transdisciplinar de reflexão. (MIGNOLO, 2003, p. 302)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise da escritura de Eduardo Galeano, percebemos que a Literatura se compõe como um espaço fecundo não somente para o debate, a reflexão e o desenvolvimento de um ensino significativo, mas que o discurso, materializado em seu enunciado, pode ser visto como um meio de motivar a valorização dos saberes desenvolvidos na América Latina. Dessa maneira, fazer uso do discurso literário como recurso metodológico implica desfazer não somente as barreiras de construção e validação dos saberes, mas também proporcionar a construção de novos paradigmas, novos modos de percepção de mundo, transpondo o conceito de estudo do texto literário, partindo, especificamente, de seus elementos estruturais, mas considerando a ambivalência de sentidos e as ínfimas reflexões que a literatura pode instaurar em nossos alunos.



## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves, Rio de Janeiro: Florence Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **A microfísica do poder**. Organização Roberto Macahado. São Paulo: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Seleção de textos Manuel Barbosa da Mota, tradução Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Florense Universitária, 1999.

GALEANO, Eduardo H. **Las venas abiertas de América Latina**. Buenos Aires: Siglo XXI, 1971.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Edition Du Seuil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

MIGNOLO, Walter D. **Histórias locais/Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar**. Tradução Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ORLANDI, Eni. **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: UNICAMP, 1997.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.